

# GILBERTO FREYRE: do Pragmatismo à "Escola de Chicago"

Sebastião Vila Nova

RESUMO: O Autor chama a atenção para a marca do pragmatismo no pensamento de Gilberto Freyre, identificando a origem dessa marca em contatos de Freyre com aquele método filosófico e a sua concepção de homem e sociedade anteriores à sua primeira fase norte-americana, quando fez estudos na Universidade de Baylor, em Waco, Texas, e na Universidade de Columbia, em New York. Ressalta a influência de William Isaac Thomas, bem como, em consequência, a importância do indivíduo e da psicologia na abordagem pessoal de Freyre. Analisa a presença do pensamento de Robert Ezra Park na perspectiva freyreana. Finalmente, estuda a questão da empatia no método de Freyre.

*Palavras-chave:* Gilberto Freyre, Intelectuais, Escola de Chicago, Pragmatismo.

Não parece freqüente a vinculação do pensamento de Gilberto Freyre à sociologia norte-americana, com exceção da presumível influência de Franklin Giddings, um dos *founding fathers* da ciência social naquele país e professor de Freyre no início dos anos 20 na Universidade de Columbia. Em que pesem as palavras de reverente admiração ao seu mestre de Columbia, Freyre recebeu pouca ou nenhuma influência daquele sociólogo, como argumentamos neste artigo. Outras influências, provenientes de outros sociólogos dos Estados Unidos tiveram inquestionável importância na formação do pensamento de Freyre.

Entre as influências talvez menos ostensivas sobre o pensamento de Gilberto Freyre está o pragmatismo como sistema, ou, mais precisamente, método filosófico típica-

mente norte-americano. Não nos reportamos assim, ao tipo de pragmatismo residual, ou difuso (melhor classificável como praticismo ou praticalismo, como pretendeu aquele que cunhou a expressão "pragmatismo", Charles S. Peirce), identificável no pensamento de Nietzsche, assim como em Karl Marx e Friedrich Engels, mas, apenas, ao pragmatismo sistemático, nuclear, programático, desenvolvido nos Estados Unidos. É, portanto, ao pragmatismo de William James, John Dewey, George Herbert Mead, com forte influência sobre a ciência social, particularmente a sociologia, naquele país, e, embora com menos ênfase, ao de Charles Peirce, que poucas marcas deixou sobre a ciência social nos Estados Unidos, que delimitamos a nossa abordagem; o mesmo pragmatismo de Oliver Wendell Holmes, Jr, Percy W. Bridgman, C.I.

Lewis, Horace M. Kallen, Sidney Hook e Richard Rorty, este último fazendo renascer o interesse por esta corrente nos Estados Unidos e no mundo, quando muitos já a proclamavam superada; o mesmo pragmatismo com raízes no Iluminismo norte-americano, principalmente nas idéias de Ralph Waldo Emerson, o Turgot da América, como foi chamado.<sup>1</sup>

Esta **delimitação** é **tão** mais necessária o quanto, em um ambiente intelectual **tão** persistentemente eurocêntrico em tantas áreas do saber (embora claramente afrocêntrico em matéria de religião e em outras áreas do comportamento), é freqüente a idéia estereotipada de que não existe reflexão filosófica nem filósofos dignos de nome nos Estados Unidos e que o termo "pragmatismo" não denomina **se** um estilo de vida calcado no imediatismo irrefletido, ou, quando muito - equívoco dos equívocos -, uma **derivação** qualquer do positivismo, embora um intérprete insuspeito, Henry Steele Commager, o grande estudioso do pensamento e do caráter norte-americano, admita que o pragmatismo não seja mais do que uma sofisticada **codificação** do *ethos* norte-americano.<sup>2</sup>

Foi Miguel Reale quem, em artigo publicado em 1962, a respeito da "Filosofia da História do Brasil na obra de Gilberto Freyre", assinalou, sem explorar, a **vinculação** do pensamento freyreano **à** **concepção** instrumentalista do pragmatismo (a de Dewey e, ao mesmo tempo, **à** vertente neo-kantiana de sociologia, ao observar que a abordagem do Autor de Cua-Grande & **Senzala**:

*"Situa-se nos quadros cada vez mais abertos de um naturalismo pragmaticista ou instrumentalista de inspiração norte-americana, mas com fortes influxos da filosofia social e histórica alemã, notadamente de Wilhelm Dilthey, Max Weber e Hans Freyer, o que o leva a conceber a Sociologia como uma ciência também de compreensão."*<sup>3</sup>

Excetuando o "naturalismo", no mínimo discutível (de acordo com o que se concebia como naturalismo) no pensamento freyreano, Reale acerta em cheio na **identificação** de algumas matrizes filosóficas fundamentais na **formação** e no desenvolvimento da abordagem pessoal de Gilberto Freyre, aí compreendendo a sua concepção de sociedade e de sociologia, bem como seu método, ou antes, seus métodos.

Infelizmente, Miguel Reale não foi além na discussão das **implicações** epistemológicas e metodológicas da **vinculação** de Gilberto Freyre àquelas fontes.

O contato do jovem Gilberto Freyre com as idéias dos filósofos pragmáticos ou pragmaticistas (como prefere Miguel Reale) norte-americanos é anterior **à** sua primeira experiência com o mundo **acadêmico** norte-americano, nos fins da segunda e início da terceira década deste século. Já em 1917, ainda estudante do Colégio americano Gilreath, cogitando estudar no estrangeiro, registra Gilberto Freyre no seu diário de adolescente sonhador e algo enfatuado de leituras:

*"É verdade: Heidelberg é lugar onde eu gostaria de estudar. Ou Heidelberg ou Paris ou Oxford. Mas se for para os Estados Unidos, há um consolo: e é que, afinal, dos Estados Unidos é um certo William James que talvez seja o filósofo moderno mais capaz de dar ao mundo de agora uma filosofia adequada a várias formas novas de experiência humanas."*<sup>4</sup>

**Não** se dá por acaso que, no seu discurso em nome da sua turma, na solenidade de colação de grau pela conclusão do curso secundário, no mesmo **ano** de 1917, criticando o conhecimento para fins ornamentais e o bacharelismo na nossa sociedade, o jovem Gilberto Freyre faça a apologia da **concepção** pragmática de saber:

*"O saber deve ser como um rio. cujas águas doces, grossas, copiosas, transbordem do indivíduo, e se espraíem, estancando a sede de outros. Sem um fim social. o saber será a maior das*

**futilidades. Eu quero saber só para minha própria glória, é uma fórmula egoísta" S**

Após criticar Abelardo como a **personificação** emblemática do conhecimento ornamental, pergunta: "De que vale saber só para a ostentação desse saber? Sem um fim social, sem uma utilidade humana?" 6

De "um publicista norte-americano" (quem? o próprio William James?) cita a frase, verdadeira síntese do pensamento pragmático: "Knowledge is power only when it can be made practical."?

E continua a citar o mesmo "publicista norte-americano":

*"A grande questão na vida prática...é: 'Que podeis fazer com o que sabeis? Podeis transformar em poder a vossa ciência? Não o que sabeis ou quem sois, mas o que sois e o que podeis fazer é a interrogação do século'" 8*

Se, como já se tem assinalado, existem diferenças significativas entre as idéias dos principais representantes do pragmatismo, há, contudo, um núcleo de postulados básicos a dar unidade a essa corrente filosófica. Para o pragmatismo, todo conhecimento tem origem, em última instância, nos problemas que o indivíduo enfrenta na prática da vida cotidiana e na necessidade de resolvê-los para melhor adaptar-se ao mundo. Desse modo, para o pragmatismo, como sumariza, Dennis Smith:

*"O melhor meio de verificação do que é comumente referido como a veracidade de uma idéia ou conceito é perguntar se ela 'funciona' no sentido de solucionar um problema prático." 9*

Muito se tem discutido a respeito da influência do pragmatismo no desenvolvimento de uma determinada concepção de ciência social, especialmente de sociologia, nos Estados Unidos. 10 Quais os pensadores, entre os pragmáticos, e quais das suas idéias foram mais influentes no desenvolvimento da sociologia norte-americana? William James, John Dewey e George Herbert Mead são, indiscu-

tivamente, os filósofos que maior e mais direta influência exerceram sobre a sociologia naquele país.

Quanto às idéias-chaves do pragmatismo presentes na **investigação** sociológica nos Estados Unidos, ressalta, Martin Bulmer a "rejeição do dualismo entre mente e matéria, sujeito e objeto, conhecimento e coisa conhecida", 11 presente no pragmatismo instrumentalista de John Dewey em decorrência do contato deste, quando estudante pós-graduado em John Hopkins, com o pensamento hegeliano, "no qual o dualismo entre objeto e sujeito desaparece, e sujeito e objeto se tomam uma única identidade em um processo dinâmico", 12 daí **resultando** que "o pensamento do homem sobre o mundo social - interpreta o mesmo Bulmer - é uma forma disfarçada de auto-conhecimento". 13

Para a sociologia, a admissão desse princípio só pode resultar na idéia de que indivíduo e sociedade, cultura e personalidade constituem realidades indissociáveis entre si. Daí a rejeição explícita em William L. Thomas, 14 da **concepção** durkheimiana de sociologia e do seu objeto, o "fato social", como independentes da psicologia em razão da suposta **solução** de continuidade entre as consciências individuais e a consciência coletiva. 15 Daí, igualmente, o grande interesse pelo indivíduo e a conseqüente tendência a uma perspectiva acentuadamente atomista na sociologia norte-americana (ao menos durante o período hegemônico da "Escola de Chicago") e, inevitavelmente, ao contrário da concepção durkheimiana, a estreita ligação entre sociologia e psicologia.

Não se dá, portanto, por acaso, tenha Gilberto Freyre eventualmente afirmado considerar Casa-Grande & **Senzala** obra autobiográfica, como não é fortuito o lugar especial do indivíduo e **da** biografia em todas

as suas investigações. Lê Sabe todo leitor de Gilberto Freyre da sua grande admiração por William I. Thomas, um dos expoentes da "Escola de Chicago", **hoje** infelizmente tão esquecido, que, juntamente com Florian Znaniecki, realizou gigantesca pesquisa empírica - a primeira investigação sociológica de vulto baseada em documentos pessoais - em tomo dos imigrantes poloneses nos Estados Unidos.<sup>17</sup> em quem Gilberto Freyre se inspirou para realizar a pesquisa que viria a resultar no terceiro tomo da trilogia iniciada com Casa-Grande & Senzala: Ordem e Progresso. Do mesmo modo que William I. Thomas em *The Polish Peasant in Europe and America*, no qual pela primeira vez foi utilizada a técnica da história de vida na pesquisa sociológica, foi com base em documentos pessoais que Gilberto Freyre veio a escrever *Ordem e Progresso*.

Em 1928, registra Gilberto Freyre em seu diário:

*"Venho lendo com novo proveito {...} não só o meu velho Boas como Thomas. Thomas é para mim o maior - depois de Weber, é claro - dos sociólogos modernos não só dos Estados Unidos como da Europa. E nem Weber nem Von Wiese nem Simmel nem os franceses nem Pareto o excedem no conjunto de qualidades que o tornam um analista e, ao mesmo tempo, um intérprete tão lúcido da realidade social. O estudo do camponês polaco e o Source Book for Social Origins por ele organizado, são livros que abrem perspectivas imensas ao desenvolvimento do estudo sociológico como esse desenvolvimento deve verificar-se: combinado com o dos estudos antropológicos.,"<sup>18</sup>*

Assim, em consonância com a fundamentação pragmática do seu trabalho, notadamente o princípio de que sociedade e indivíduo são indissociáveis entre si, apesar do seu monumental projeto de interpretação da formação histórica e do caráter de uma sociedade tão múltipla e complexa como a brasileira, a sua abordagem é menos macro-

estrutural do que situacional, calcada no indivíduo, o que o aproxima de Max Weber, para quem, ao contrário de Durkheim:

*"A Sociologia interpretativa considera o indivíduo e seu ato como a unidade básica, como seu 'átomo' - se nos permitirem pelo menos uma vez a comparação discutível." <sup>19</sup>*

Desse modo, **é** da notória predominância da perspectiva individualista, atomista, na sua abordagem, que deriva a importância da empatia no seu método. Quem não lembrará de George Herbert Mead, um pensador curiosamente quase de todo ausente na obra de Gilberto Freyre, ao menos de modo explícito, ao ler as palavras registradas, em *Como e porque sou e não sou sociólogo?*

*"Que haverá de afim entre um antropólogo do tipo de um Lawrence de Arábia ou, antes, de um Robert Redfield, ou historiador social do tipo de um Marc Bloch, ou sociólogo do tipo de um Simmel, e um escritor que escreva romances do tipo dos de Tolstói e dos de Proust e, entre nós, dos de Machado de Assis e Raul Pompéia? Creio que aquela empatia que consiste na capacidade de ver-se uns indivíduos em outros e de ver outros em si mesmo, em uma perspectiva tanto de dentro para fora como de fora para dentro." <sup>20</sup>*

No entanto, não parece sustentável a hipótese de que o lugar de relevo do indivíduo no método de Gilberto Freyre, o seu atomismo, seja tão somente consequência do seu contato com o pragmatismo norte-americano. É bem possível que o pragmatismo tenha apenas reforçado um individualismo já haurido, nos primeiros anos da adolescência, em Herbert Spencer.

E não é senão da fundamentação pragmática, notadamente da versão instrumentalista de pragmatismo elaborada por Dewey, do pensamento de Gilberto Freyre que deriva o seu anti-positivismo radical, pois se o positivismo não significa simplesmente empirismo levado às últimas consequências, mas, empirismo orientado pelo axi-

orna da possibilidade de uma suposta apreensão dos fatos brutos, sem a intromissão de idéias prévias sobre a realidade; se este axioma, por sua vez, só é possível se se admite a dualidade entre sujeito e objeto; se, finalmente, o pragmatismo não admite uma fronteira nítida entre o observador e a realidade observada; não há, portanto, como conciliar pragmatismo com positivismo.

Mas não está apenas no interesse pelo indivíduo, pela biografia como matéria prima básica da análise sociológica, a utilização da história de vida através de documentos pessoais, a influência de Thomas sobre o pensamento de Gilberto Freyre. Também na conjugação das abordagens sociológica, antropológica e psicológica parece estar presente a marca de Thomas na abordagem freyreana. Como já antecipamos, é notória, na obra de Thomas, a sua divergência em relação à concepção durkheimiana de sociologia e de sociedade, notadamente no que diz respeito às fronteiras entre sociologia e psicologia. Na "Nota introdutória" do *The Polish Peasant*, na qual Thomas e Znaniecki fixam os fundamentos teóricos e metodológicos da sua pesquisa, chegam eles a contestar explicitamente a idéia durkheimiana de que a causa de um fato social somente deve ser procurada em outro fato social, argumentando que este é o resultado de uma combinação de causas sociais e individuais."

A mesma rejeição da convencional demarcação de fronteiras nítidas e intransponíveis entre sociologia e psicologia está presente em Gilberto Freyre, no seu apreço pela biografia, ao modo de Thomas, como meio necessário, senão obrigatório, ao conhecimento do social, **não** sendo de admirar que, no mesmo diário **de** adolescência e juventude, tenha registrado:

*"Venho lendo Sumner, que é um grande mestre. Também Durkheim, que precisa ser lido como*

*corretivo a Tarde - talvez o maior dos dois: talvez venha ser considerado maior que Durkheim."* 22

Trata-se, já se vê, de uma explícita tomada de posição: na célebre polêmica entre Durkheim e Tarde (na qual o primeiro defende a existência de uma solução de continuidade entre a consciência coletiva e a consciência individual, enquanto o segundo argumenta em favor da redução dos fenômenos sociais aos fenômenos psíquicos), Gilberto Freyre fica decididamente com o psicologismo do segundo. Daí não hesitar em afirmar:

*"É hoje principalmente sobre a Psicologia que se apóia a Sociologia no que ela tem de ciência natural e generalizadora, com possibilidades de desenvolver leis de validade universal sobre aspectos de interesse sociológico do indivíduo; enquanto, por outro lado, a Antropologia e a História sociais e culturais são o melhor apoio para a sua situação de ciência também cultural..."* 23

Daí igualmente concluir: "O que se pode afirmar é que o contato do sociólogo com os estudos de Psicologia é um contato necessário. Talvez se possa mesmo dizer, indispensável." 24

Não se trata, contudo, de convicção da maturidade, porém, de ponto de vista já presente em conferência sobre "O estudo das ciências sociais nas universidades americanas," pronunciada na Faculdade de Direito do Recife, a 24 de maio de 1934, na qual Gilberto Freyre refere-se a "um dos aspectos mais sugestivos da moderna orientação das pesquisas históricas e sociológicas nos Estados Unidos: sua base em critério psicológico." 25 E acrescenta: "Pode-se mesmo dizer que a **cientificização** da sociologia e das outras ciências sociais vem se processando em grande parte pelo maior emprego do método psicológico." 26

Como quer que seja, para Gilberto Freyre como para **Thomas**, ao contrário do que defende **Durkheim**, **não** há **solução** de

continuidade entre consciência individual e consciência coletiva, indivíduo e sociedade, personalidade e cultura, o que, afinal, representa em ambos a marca do pragmatismo em sua negação dialética da dualidade entre o objetivo e o subjetivo.

Do mesmo modo que em relação a Park e Burgess, no entanto, Gilberto Freyre afasta-se de Thomas na concepção, por parte deste, da sociologia como ciência exclusivamente natural e na conseqüente limitação do campo da investigação desta ciência à dimensão sincrônica dos fenômenos sociais:

*"De onde nos afastam os radicalmente de Thomas é quanto ao seu critério de dever-se compreender o passado pelo presente. Não que o inverso nos pareça ser exatamente o certo. Mas por não nos parecer possível separar-se sociologicamente o passado do presente, como contrários nítidos e absolutos, quando o tempo é psicológica e socialmente composto de variáveis que se alteram conforme o ritmo em que os vivem, num vasto espaço-tempo social como o brasileiro, diferentes subgrupos. .27*

Aqui, já aponta Gilberto Freyre para o seu conceito de "tempo tríplice" (do qual não nos ocuparemos nesta reflexão), resultado da sua busca de síntese das perspectivas historicista e naturalista de sociologia, do sincrônico com o diacrônico.

A importância concedida por Gilberto Freyre aos componentes psicológicos da vida social consolida-se na sua análise clássica da formação da sociedade e do caráter brasileiros, conforme explicita em um dos textos mais elucidativos para a compreensão da sua abordagem, o 10 Prefácio a Casa-Grande & Senzala:

*"Em contraste com o nomadismo aventureiro dos bandeirantes - em sua maioria mestiços de brancos com índios - os senhores das casas-grandes representaram na formação brasileira a tendência mais caracteristicamente portuguesa, isto é, pé-de-boi, no sentido da estabilidade patriarcal. Estabilidade apoiada no açúcar (engenho) e no negro (senzala). Não que estejamos a sugerir uma*

*interpretação étnica na formação brasileira ao lado da econômica. Apenas acrescentando a um sentido puramente material, marxista, dos fatos, ou antes, das tendências, um sentido psicológico Ou psicológico. .28*

E recorre, a propósito às investigações de Cannon e de Keith, as quais:

*"parecem indicar que atuam sobre as sociedades, como sobre os indivíduos, independente de pressão econômica, forças psicológicas, suscetíveis, ao que se supõe, de controle pelas futuras elites científicas - dor, medo, raiva - ao lado das emoções de fome, sede, sexo. Forças de uma grande intensidade de repercussão. Assim, o Islamismo, no seu furor imperialista, nas suas formidáveis realizações, na sua exaltação mística dos prazeres sensuais, terá sido não só a expressão de motivos econômicos, como de forças psicológicas que se desenvolveram de modo especial entre populações do Norte da África. Do mesmo modo, o movimento das bandeiras - em que emoções generalizadas de medo e raiva se teriam afirmado em reações de superior combatividade. O português mais puro, que se fixou em senhor de engenho, apoiado antes no negro do que no índio, representa talvez, na sua tendência para a estabilidade, uma especialização psicológica em contraste com a do índio e a do mestiço de índio com português para a mobilidade. .29*

Não é a pertinência da interpretação, em si mesma, que aqui nos interessa, mas, a evidência de duas constantes fundamentais na concepção de sociedade e, portanto, de sociologia em Gilberto Freyre: de um lado, a ênfase nas condições econômicas (da qual ainda nos ocuparemos neste trabalho); de outro lado, a atenção concedida às condições psicológicas na formação das sociedades ("acrescentando a um sentido puramente material, marxista dos fatos [...] um sentido psicológico.").

Aparentemente, a abordagem freyreana aproxima-se da concepção durkheimiana de "fato social" como constituído de "maneiras de agir, de pensar e de sentir"<sup>30</sup> compartilhadas coletivamente. Só aparentemente. Na realidade, a perspectiva freyreana

está muito distante da conceituação de sociedade proposta por Durkheim, aproximando-se inequivocamente do psicologismo de Tarde e, principalmente, do intersubjetivismo de Thomas. A Gilberto Freyre não interessa a redução idealista da "consciência coletiva", de Durkheim, como não interessa a delimitação nominalista de fronteiras entre a sociologia, a psicologia e a biologia, fundamental, cabe repetir, na perspectiva durkheimiana. Na "sociologia existencial" de Gilberto Freyre, como na de Thomas, o conhecimento científico da vida social não pode prescindir da biografia, da história de vida de indivíduos concretos refletindo em suas experiências pessoais as situações sociais, ou, antes, bio-sócio-culturais objetivas em que estão inseridas. E aqui voltamos à presença do postulado pragmático da unidade entre o objetivo e o subjetivo, o indivíduo e a sociedade, a cultura e a personalidade.

A combinação da marca de Spencer com a influência de Boas, esta modificando a primeira, levaria Gilberto Freyre à aceitação, embora com alguma reserva, da Ecologia humana da "Escola de Chicago", que teve alguma influência sobre o seu pensamento. O interesse de Gilberto Freyre pela Ecologia Humana, conforme codificada por Park, Burgess e MacKenzie,<sup>31</sup> somente veio a se desenvolver a partir de 1935, pois, em sua conferência sobre "O ensino das ciências sociais nas universidades norte-americanas", não faz referência alguma ao movimento sociológico já inteiramente amadurecido na Universidade de Clíicago. Só em 1935, quando ministrou curso de sociologia na Faculdade de Direito do Recife, é que **manifesta-se** o seu interesse pelo trabalho de **Park**, de acordo com o seu próprio depoimento:

*"Desde o curso de sociologia que em 1935 iniciamos na **Faculdade** de Direito do Recife e continuamos, no mesmo ano, na **Faculdade** de*

*Economia do Distrito Federal, temos procurado destacar a importância dos estudos sociológicos realizados sob critério ecológico, em geral, e ecológico à maneira de Chicago, em particular.*"<sup>32</sup>

A propósito de um possível parentesco por influência, e não simples afinidade - sem subestimar o fato de que, na vida intelectual como na vida afetiva, a afinidade frequentemente conduz ao parentesco -, da abordagem de Gilberto Freyre em relação à Ecologia Humana dos sociólogos da "Escola de Chicago", é pertinente evocar alguns fatos de interesse para esta discussão.

Quando, em 1918, Gilberto Freyre chega aos Estados Unidos para estudar em Baylor, Texas, publicava-se o primeiro volume de *The Polish Peasant in Europe and America*, de Thomas e Znaniecki, considerado por Lewis Coser como "o primeiro grande clássico da sociologia empírica nos Estados Unidos"<sup>33</sup> e posteriormente classificado por Gilberto Freyre como uma "obra-prima da sociologia moderna."<sup>34</sup> E não há dúvida que *The Polish Peasant* foi um autêntico *tuning point* na sociologia e antropologia nos Estados Unidos. Se é verdade que algumas das elaborações teóricas de Thomas são hoje consideradas obsoletas, como, por exemplo, a sua classificação dos "quatro desejos universais do homem" <sup>35</sup> - que Gilberto Freyre considerou "classificação arbitrariamente simplista", <sup>36</sup> - e a sua classificação dos tipos de personalidade,<sup>37</sup> não há como questionar, ainda hoje, a validade de outros dos seus conceitos, como o de "definição da situação" e de atitude<sup>38</sup>, este nuclear na psicologia social.

Quando, em 1921, Gilberto Freyre defendia sua tese de mestrado em Columbia, **Social Life in Brazil in the Middle of the 19th Century**,<sup>39</sup> era publicado em Chicago o *Introduction to the Science of Sociology*, de Park e Burgess. Àquela época, a sociologia

nos Estados Unidos gravitava em torno do departamento de sociologia e antropologia da Universidade de Chicago. A sociologia de Chicago era a sociologia norte-americana, assim como a antropologia de Columbia era a antropologia dos Estados Unidos. Entre 1914, quando Park foi contratado pela Universidade de Chicago, até cerca de 1935, aquele departamento foi hegemônico na sociologia norte-americana - tanto quanto, como vimos em trabalho anterior, durante período bem mais longo, o departamento de sociologia e antropologia da Universidade de Columbia foi, graças ao trabalho de Boas, hegemônico em relação à antropologia naquele país. O **Introduction to the Science of Sociology** era a "bíblia"- a *green bible*, como era então chamado - dos sociólogos estadunidenses. No entanto, como já observamos, não há indício de que Gilberto Freyre tenha entrado em contato com as idéias da "Escola de Chicago" quando da sua primeira experiência significativa com o mundo acadêmico norte-americano.

Parece bastante difundida a idéia equivocada de que o que se usa denominar "Escola de Chicago" em sociologia não foi mais do que um movimento voltado para o estudo monográfico dos fenômenos urbanos, rico na coleta de dados de primeira mão, porém, teoricamente pobre. Esta, no entanto, representa uma visão estereotipada e distorcida daquele movimento. Se se pode discordar das teorias dos sociólogos de Chicago, não há, por outro lado, como negar a existência de preocupação teórica por parte daqueles sociólogos, tanto mais quanto, em que pese a multiplicidade de preocupações daqueles pesquisadores, à "Escola de Chicago" corresponde, como hoje se costuma denominar, um dos paradigmas da sociologia, isto é, uma maneira de entender a sociologia e o seu ob-

jeto: o paradigma aqui denominado ecológico-interacionista. O que caracteriza este paradigma é precisamente a admissão de certas relações necessárias entre as relações sociais e a ocupação humana do espaço, assim como a centralidade do conceito de interação, retirada de Georg Simmel. Trata-se, portanto, de um paradigma que não despreza os componentes naturais (ambientais, biopsíquicos) da vida social. Neste aspecto, o paradigma da "Escola de Chicago" afasta-se tanto da concepção germânica de sociologia como "ciência de espírito" quanto da concepção durkheimiana centrada no conceito de "consciência coletiva".

Como sabemos, para Durkheim, os fatos sociais não devem ser confundidos com os fatos biológicos e psicológicos. Dessa maneira, ao sociólogo caberia evitar interseção do seu trabalho com o do cientista da natureza e, em conseqüência, com o estudo do ambiente natural. Assim é que, rigorosamente idealista, a concepção de sociedade e de sociologia proposta por Durkheim não permite ao sociólogo qualquer indagação a respeito das possíveis relações entre vida social e ambiente natural.

Assim não entenderam os sociólogos de Chicago. E não poderia ser de outro modo, em coerência com o princípio, aqui comentado, da indissociabilidade entre o objetivo e o subjetivo. Levando às últimas conseqüências este princípio, do mesmo modo que não há como distinguir com clareza os limites entre indivíduo e sociedade, não há, igualmente, como identificar com nitidez as fronteiras entre a cultura e a natureza. Assim, para os sociólogos da "Escola de Chicago", o estudo científico da sociedade deve compreender tanto o cultural quanto o psicológico e o biológico.

Entende-se, daí, porque a concepção gilbertiana de sociedade, graças às marcas de Spencer e de Boas, esteja mais próxima da Ecologia Humana do que da redução idealista de Durkheim. Entende-se, igualmente, que esteja Gilberto Freyre mais próximo de uma visão materialista da sociedade do que da "consciência coletiva" durkheimiana. Lembremos outro trecho esclarecedor do primeiro Prefácio à Casa-Grande & Senzala:

*"Por menos inclinados que sejamos ao materialismo histórico, tantas vezes exagerado nas suas generalizações - principalmente em trabalhos de sectários e fanáticos - temos que admitir influência considerável, embora nem sempre predominante, da técnica da produção econômica sobre a estrutura das sociedades; na caracterização da sua fisionomia moral".*<sup>40</sup>

Dono de uma personalidade intelectual caracteristicamente eclética, Gilberto Freyre assimila muito seletivamente e, sobretudo, criticamente, todas as influências que recebe. Admitindo a "influência considerável" da infra-estrutura econômica sobre a "fisionomia moral" das sociedades, está, no entanto, de guarda contra o que possa existir de "exagerado nas [...] generalizações" do materialismo histórico, como está sempre de guarda contra qualquer tipo de reducionismo. Compreensível, daí, a atitude ao mesmo tempo de admiração e de reserva em relação à Ecologia Humana dos sociólogos da "Escola de Chicago":

*"Embora a adesão ao darwinismo filosófico dê aos ecologistas de Chicago - à sua insistência sobre uma 'ciência natural' de instituições, sobre 'áreas naturais' e sobre a importância do processo de 'competição' entre homens sociais ou entre instituições - aspecto de uma quase seita sociológica saída do calvinismo ou do determinismo biológico, suas contribuições à sociologia no campo da investigação sociológica e da Sociologia aplicada obrigam-nos a destacar o fato de que não há hoje, nos Estados Unidos ou na Europa, grupo mais ativo e inteligentemente criador de sociólogos especializados no*

*estudo da vida urbana que os ecologistas de Chicago.*"<sup>41</sup>

E, no entanto, em que pese a atitude de reserva a possíveis exageros no ecologismo dos sociólogos de Chicago, ninguém terá procurado entender melhor do que Gilberto Freyre o lugar das condições naturais, ambientais, na investigação sociológica, como quando argumenta:

*"Quando os sociólogos procuram destacar o fato de que a seleção natural, que opera sobre a espécie humana como sobre os organismos infra-humanos, é condicionada, no seu modo de operar sobre a espécie humana, pela qualidade ou tipo de cultura ou civilização que se desenvolve em dado lugar ou tempo, pretendem que exista uma zona de estudo biológico, por métodos biológicos de análise, que seja também de estudo sociológico, por método sociológico."*<sup>42</sup>

Por outro lado, afasta-se Gilberto Freyre do paradigma da "Escola de Chicago" no seu inarredável sentido da dimensão histórica do social, pois, como sabemos, uma das mais conspícuas características da abordagem dos sociólogos daquela corrente é a atitude francamente historicista, em que pese o fato de ter Park tanto quanto Albion Small (chefe do departamento de sociologia e antropologia da Universidade de Chicago no período de 1892 a 1925) e Thomas realizado estudos pós graduados na Alemanha do fim do século XIX.

Uma clara afinidade da abordagem gilbertiana com a "Escola de Chicago" é a que diz respeito à empatia como instrumento imprescindível ao conhecimento científico do social, o que termina por nos levar a um filósofo, como já vimos, muito do gosto de Gilberto Freyre quanto de Park: William James. Tendo estudado com James em Harvard, Park costumava lembrar com frequência um artigo de seu mestre: "On a Certain Blindness in Human Beings."<sup>43</sup> Como explica o próprio Park, a "cegueira" a qual James se refere está na dificuldade de penetrar no "significado da

vida de outras pessoas".<sup>44</sup> E foi com base nas idéias de James expostas naquele artigo que Park veio a afirmar, em palavras que bem poderiam ser atribuídas a um romancista, que "o que o sociólogo mais precisa conhecer é o que se passa por trás dos rostos dos homens."<sup>45</sup> Daí a importância da empatia para aquele sociólogo, como daí considerar Martin Bulmer que a característica mais significativa na orientação metodológica de Park está na importância concedida ao ponto de vista do ator social.<sup>46</sup>

Finalmente, como sugestão ao aprofundamento a algumas das idéias desenvolvidas neste artigo, **se** admitirmos, como o faz Nicola Abbagnano, que "entre outras manifestações que o Pragmatismo teve fora do mundo anglo-saxão, [...] juntam-se a ele o fideísmo pragmático de Miguel de Unamuno como se acha exposto nos Comentários ao Dom Quixote (1905) e no Sentimento trágico da vida (1913); e de Ortega Y Gasset"<sup>47</sup> não haverá, portanto, a incompatibilidade que muitos supõem entre as fontes norte-americanas e as fontes ibéricas do pensamento de Gilberto Freyre. É hipótese a investigar.

## NOTAS

- I. Ver KONOVIKZ, Milton R. & KENNEDY, Gail (orgs.). *The American pragmatists*. New York, New American Library, 1960; MILLS, C. Wright. *Sociology and pragmatism: the higher learning in America*. Introdução de Irving Louis Horowitz. New York, Oxford University Press, 1966; LEWIS, J. David & SMITH, Richard L. *American sociology and pragmatism: Mead; Chicago sociology, and symbolic interaction*. Chicago/London, The University of Chicago Press, 1980; sobre George Herbert Mead, ver: David, L. *George Herbert Mead: Self/language and the world*. Chicago/London, University of Chicago Press, 1973.
2. COMMAGER, Henry Steele, *O espírito americano: uma interpretação do pensamento e caráter americano*. São Paulo, Cultrix, 1959.
3. REALE, Miguel. "A filosofia da história do Brasil na obra de Gilberto Freyre", in AMADO, Gilberto et alii. *Gilberto Freyre: sua ciência sua filosofia sua arte; ensaios sobre o autor de Casa-Grande & Senzala e sua influência na moderna cultura do Brasil, comemorativos do 25º aniversário da publicação desse livro*. Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1962, pp. 405-11.
4. FREYRE, Gilberto. *Tempo morto e outros tempos: trechos de um diário de adolescência e primeira mocidade*. Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1975, p.15.
5. FREYRE, Gilberto. *Região e tradição*. Prefácio de José Lins do Rego. 2ª ed. Rio de Janeiro, Record, 1968, p.72.
6. Idem.
7. Idem.
8. Idem.
9. "The best test of what is commonly referred to as 'truth' of an idea or concept is to ask whether it 'works' in the sense of solving a specific problem confronted in a particular situation." SMITH, Dennis. *The Chicago school: a liberal critique of capitalismo* New York, St. Martin's, 1988, p.59.
10. Ver MILLS, C. Wright, op. cit.; SMITH, Dennis, op. cit.; LEWIS, J. David & SMITH, Richard L. op. cit.
- II. BLUMER Martin, *The Chicago school of sociology: institutionalization and the rise of sociological research*. Chicago/London, University of Chicago Press, 1984, p.29.
12. Idem.
13. Idem.
14. Ver THOMAS, William I. *On social organization and social personality*. Organização e introdução de Morris Janowitz. Chicago/London: University of Chicago Press, 1966, p.277.
15. DURKHEIM, Émile. *As regras do método sociológico*. Trad. Maria Isaura Pereira de Queiroz. 4ª ed. São Paulo, Nacional, 1966, p.96.

16. Ver FREYRE, Gilberto. *Contribuição para uma sociologia da biografia (o exemplo de Luis de Albuquerque, governador de Mato Grosso, no fim do século XVIII)*. Lisboa, Academia Internacional de Cultura, 1968, 2 vols. (2<sup>a</sup> ed.: Cuiabá: Fundação Cultural de Mato Grosso, 1978).
17. THOMAS, William I. & ZNANIECKI, Floriano *The Polish peasant in Europe and America*. Boston, Richard G. Badger, 1918-1920 (Os volumes I e II foram publicados pela Universidade de Chicago em 1918). 2<sup>a</sup> ed., New York, Dover Publications, 1958, 2 vols. A crítica mais famosa ao livro de Thomas e Znaniecki é a formulada por BLUMER, Herbert. *Symbolic interactionism: perspective and method*. Berkeley/Los Angeles/London, University of California Press, 1962, p.117-26.
18. FREYRE, Gilberto. *Tempo morto e outros tempos...*, op. cit., p.225.
19. WEBER, Max. *Ensaio de sociologia*. Organização e introdução de Hans H. Gerth e C. Wright Mills. 2<sup>a</sup> ed., Trad. Waltensir Outra. R. de Janeiro, Zahar, 1971, p.74.
20. FREYRE, Gilberto. *Como e porque sou e não sou sociólogo*. Prefácio de Roberto Lyra Filho. Brasília, Editora da UnB, 1968, p.116.
21. "The cause of a social or individual phenomenon is never another social or individual phenomenon alone, but always a combination of a social and an individual phenomenon." THOMAS, William. *On social organization*, p.277.
22. FREYRE, Gilberto. *Tempo morto...* op. cit., p.147.
23. FREYRE, Gilberto. *Sociologia: introdução ao estudo dos seus princípios*. 4<sup>a</sup> ed., Prefácio de Anísio Teixeira. Rio de Janeiro, José Olympio, 1967, 2 vols., v. 1, p.235.
24. Idem
25. FREYRE, Gilberto. *O estudo das ciências sociais nas universidades norte-americanas*. Recife, Momento, 1934, p.36.
26. Idem.
27. FREYRE, Gilberto. *Sociologia...* op. cit., v. I, p.XXXIX.
28. FREYRE, Gilberto. *Casa-grande & senzala*. 12<sup>a</sup> ed., Brasília, Editora da UnB, 1963, p.17.
29. Ibid., p.17-8.
30. OURKHEIM, Émile. *As regras...* op. cit., p.3.
31. PARK, Robert E., BURGESS, Ernest W. & MCKENZIE, Roderick O, *The city*. Introdução de Morris Janowitz. Chicago/London, University of Chicago Press, 1967 (originalmente publicado em 1925).
32. FREYRE, Gilberto. *Sociologia...*, p.481.
33. COSER, Lewis. *Masters of sociological thought*. New York, Harcourt Brace Jovanovich, 1977, p.381.
34. FREYRE, Gilberto. *Sociologia...*, op. cit., v.1, p.27.
35. THOMAS, William. *On social organization...*, p.117-39.
36. FREYRE, Gilberto. *Sociologia...*, op. cit., v.2, p.559.
37. THOMAS, William. *On social organization...*, op. cit., p.168-81.
38. Ibid., p.11-36.
39. FREYRE, Gilberto. "Social life in Brazil in the middle of the nineteenth century". *Hispanic American Historical Review*, 5(4): 597-630, 1922; *Vida social no Brasil nos meados do século XIX*. Trad. do original inglês, revista pelo autor, por Waldemar Valente. Recife: Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, 1964; 2<sup>a</sup> ed. em língua portuguesa revista com alguns acréscimos e prefaciada pelo autor. Rio de Janeiro: Artenoval Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, 1977.
40. FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande...*, Op. cit., p.5.
41. FREYRE, Gilberto. *Sociologia...*, Op. cit., v.2, p.442-3.
42. Ibid., v.2, p.331.
43. Ver RAUSHENBUSH, Winfred. *Robert E. Park: biography of a sociologist*. Durham, N.C., Duke University Press, 1979, p.97.
44. PARK, Robert E. *Race and culture*. Organização de Everett C. Hughes. Glencoe, III: Free Press, 1950, p.VI.
45. Idem.
46. BULMER, Martin. Op. cit., p.93.

47. ABBAGNANO, Nicola, *Dicionário de filosofia*. Tradução coordenada e revista por Alfredo Bosi, com colaboração de Mauricio Cunio et alii. 2. ed., São Paulo, Mestre Jou, 1982, p.734.